

**A FUNCIONALIDADE DE CONECTIVOS NO PROCESSO  
DE LEITURA E COMPREENSÃO TEXTUAL**

*José Kelli Santos Ibiapino Albuquerque* (UESPI)  
[jk01976@yahoo.com.br](mailto:jk01976@yahoo.com.br)

**RESUMO**

Este artigo tem como tema o uso de conectivos como recursos linguísticos que contribuem para o processo de leitura e compreensão textual, e seu objetivo principal foi analisar a relevância destes nesse processo, observando como sua presença ou ausência interferem, sobremaneira, no processo de construção dos sentidos do texto, elucidando, assim, a necessidade da inclusão dessa temática nas aulas de língua portuguesa. Para a realização deste estudo, fez-se uma pesquisa bibliográfica, focando em autores como Antunes (2017), Fávero (2002), Koch (1995), Brait (2016), entre outros, como forma de embasamento teórico e, após isso, foi realizada uma pesquisa de campo com sete alunos de uma turma de 8º ano de uma escola municipal da zona rural do município de Itainópolis-PI. Os dados encontrados mostraram que os conectivos são recursos que contribuem relevantemente para o processo de leitura e compreensão textual.

**Palavras-chave:**

**Conectivos. Texto. Leitura e Compreensão textual.**

**ABSTRACT**

This article's theme is the use of connectives as linguistic resources that contribute to the process of reading and textual understanding, and its main objective was to analyze their relevance in this process, observing how their presence or absence greatly interferes in the process of construction of meanings of the text, thus elucidating the need to include this theme in Portuguese language classes. To carry out this study, a bibliographical research was carried out, focusing on authors such as Antunes (2017), Fávero (2002), Koch (1995), Brait (2016), among others, as a form of theoretical basis and, after that, a field research was carried out with seven students from an 8th grade class at a municipal school in the rural area of the municipality of Itainópolis-PI. The data found showed that connectives are resources that contribute significantly to the process of reading and textual understanding.

**Keywords:**

**Connectives. Text. Reading and Textual Comprehension.**

**1. Introdução**

Os conectivos são recursos linguísticos empregados para garantir a coesão textual. Têm como função primordial, fazer as conexões necessárias entre palavras, frases, períodos e/ou parágrafos no texto, estabele-

cendo, entre eles, relações semânticas e garantindo que haja um encadeamento e uma sequenciação entre as ideias presentes, para que o seu objetivo maior, que é a sua produção de sentidos, seja alcançado pelo leitor ao ter contato com o texto.

A temática explorada é o uso de conectivos como recursos linguísticos que contribuem para o processo de leitura e compreensão textual e seu objetivo principal foi analisar a relevância destes nesse processo, observando como sua presença ou ausência interferem, sobremaneira, no processo de construção dos sentidos do texto.

O presente estudo possui grande relevância, pois, através dos resultados encontrados, procurar-se-á elucidar que o uso adequado dos conectivos, no decorrer do texto, tem um papel significativo no processo de leitura e compreensão, conscientizando os alunos da turma pesquisada, como também o professor de língua portuguesa desta, de que esse recurso linguístico deve ser levado em grande consideração ao se produzir e ao se ler um texto, buscando identificar sempre as ideias/sentidos que são expressos por eles na sua superfície.

Para a realização deste artigo, fez-se, de início, uma pesquisa bibliográfica em trabalhos científicos de autores que tratam do mesmo tema, como forma de embasamento teórico, focando, principalmente, na linha de pensamento de Antunes (2017), Fávero (2002), Koch (1995), Bakhtin (1895–1975), entre outros. Em seguida, como *corpus*, aplicaram-se, com os sete alunos de uma turma de 8º ano de uma escola municipal da zona rural de Itainópolis-PI, dois textos, um deles, o primeiro aplicado (considerado Texto 1), com ausência de conectivos que eram exigidos pelo contexto, e, depois, o mesmo texto agora aplicado com a presença de todos os conectivos necessários para que ele se tornasse coeso (considerado Texto 2), para perceber, assim, como se daria o processo de leitura e compreensão de ambos por parte dos discentes.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: na primeira seção, a introdução, faz-se uma breve exposição da temática tratada, seu objetivo principal, a justificativa, do problema a ser investigado, bem como da metodologia utilizada. A segunda seção aborda o referencial teórico; em seguida, vem a terceira, em que são apresentados os resultados encontrados e as discussões devidas sobre eles. Na quarta seção, apresentam-se as considerações finais do autor do trabalho e, para finalizar, são mostradas as referências exploradas para realização desta pesquisa.

## **2. Aspectos Conceituais sobre o Texto e suas Funções**

Sabe-se que o conceito de texto sofreu variações durante o tempo, e essa variação acontece dependendo do autor e/ou da teoria adotada. De forma geral, o texto é uma manifestação linguística atualizada no processo comunicativo, sendo, então, o elemento primordial na comunicação humana. Mas sabe-se, também, que o conceito e as funcionalidades do texto vão muito além dessa concepção.

Pode-se verificar que, desde as origens da Linguística do texto até nossos dias, o texto foi visto de diferentes formas. Em um primeiro momento, foi visto como: a) unidade linguística (do sistema) superior à frase; b) sucessão ou combinação de frases; c) cadeia de pronominalizações ininterruptas; d) cadeia de isotopias; e) complexo de proposições semânticas. Já no interior de orientações de natureza pragmática, o texto passa a ser encarado, pelas teorias acionais, como uma sequência de atos de fala; pelas vertentes cognitivas, como fenômeno primariamente psíquico, resultado, portanto, de processos mentais; e pelas orientações que adotam por pressuposto a teoria da atividade comunicativa, como parte de atividades mais globais de comunicação, que vão muito além do texto em si, já que este constitui apenas uma fase deste processo global. Desta forma, o texto deixa de ser entendido como uma estrutura acabada, passando a ser abordado no próprio processo de seu planejamento, verbalização e construção. (KOCH, 1995, p. 7)

Conforme a citação acima, as concepções sobre o texto passaram por vários estágios, tendo, de início, uma visão bastante limitada, quando era, por exemplo, relacionado a uma sucessão de frases, passando, mais tarde, a ser visto por uma ótica mais completa, que já o associa a uma sequência de atos de fala, um fenômeno psíquico, um elemento primordial no processo comunicativo.

O texto pode se apresentar, na comunicação, de forma oral ou escrita, produzindo significados independente de sua extensão verbal, atrelado sempre a um contexto de produção e a demais fatores socioculturais e históricos que lhe garantem que o processo comunicativo se concretize com eficácia.

O texto consiste, então, em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo comunicativo independente de sua extensão. Trata-se, pois, de um contínuo comunicativo contextual caracterizado pelos fatores de textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, eintertextualidade. (FÁVERO, 2002, p. 7)

Todo o processo de interação comunicativa é concretizado, pelos falantes de uma língua, por meio de texto, em que estes se utilizam de

estratégias linguísticas para que esse fenômeno possa cumprir suas funções, estratégias essas que, para serem cumpridas, vão depender diretamente de um contexto de produção, da aplicabilidade, no texto, de elementos que garantam linearidade e referências/retomadas de ideias. Também sempre terá presente uma intenção de convencer um ou mais interlocutores, sendo, esse processo, sempre intertextual, ou seja, todo discurso presente em um texto produzido, tem relações com outros discursos sociais já produzidos anteriormente ou manterão ligações com discursos futuros.

De acordo com Brait, (2016), na reflexão filosófico-discursiva desenvolvida por Mikhail Bakhtin (1895–1975) e pelos demais membros do Círculo, especialmente Valentin N. Volochínov (1895–1936) e Pavel N. Medvedev (1891–1936), o sentido de texto é concebido como uma perspectiva dialógica da linguagem, ou seja, tais teóricos encaram o texto como sendo o principal meio de atualização/concretização da linguagem.

A combinação entre signos e a linguagem em uso dão ao texto um caráter linguístico, social, filosófico, cultural, e, acima de tudo, como sendo um produtor de sentidos. Para Brait (2016),

Essa combinatória constitutiva de elementos repetidos (sistema) e elementos novos (linguagem em uso) permite que sua existência seja reconhecida como pertencente a um sistema (linguístico, pictórico, musical, etc.) e, ao mesmo tempo, como portador de valores, de posições que garantem a produção de sentidos, sempre em confronto com outras posições e valores presentes numa sociedade, numa cultura.). (BRAIT, 2016, p. 14)

É assertivo dizer que o texto é um ato de linguagem posto em prática por um ou mais falantes, em que, nesse processo comunicativo, ambos são interlocutores, pois ora assumem o papel de emissor, ora de receptor de informações, assumindo funções diferentes de acordo com a situação comunicativa, fazendo uso dos recursos que a língua lhes proporciona, realizando adequações contextuais, recorrendo a elementos culturais, sociais e históricos para que suas intenções comunicativas se concretizem por meio dos textos produzidos nesse processo linguístico interativo.

### **2.1. A Coesão Textual**

A coesão textual é uma área de grande abrangência. São vários os elementos que contribuem, em um texto, para que ele se torne coeso e, assim, cumpra seu objetivo de produzir sentido ou sentidos ao ser lido. É essa propriedade quem é responsável por deixar todos os elementos que fazem parte da composição do texto interligados.

A coesão, como o próprio nome indica, é a propriedade responsável por deixar todos os segmentos do texto articulados, relacionados, conectados. Ela abarca, portanto, todos os recursos (lexicais e gramaticais) que deixam esses segmentos (concretamente: palavras, períodos, parágrafos, blocos supraparágráficos) ligados entre si ou inter-relacionados. (ANTUNES, 2017, p. 56)

Ainda segundo Antunes, (2017, p. 56), “nada no texto está desconectado, solto, sem articulação com qualquer outro elemento. Em todo texto, as coisas vão se retomando, vão criando uma sequência, um fio, uma espécie de continuidade”.

Conforme abordado, seguindo a visão da autora mencionada acima, o texto, para produzir sentido, deve seguir algumas estratégias que vão lhe deixar pronto para ser decodificado e compreendido pelo leitor, ou seja, ao se produzir um texto, o autor deve estar consciente de que precisa lançar mão de algumas estratégias coesivas que vão permitir que o mesmo proporcione para seu leitor, uma leitura fluente e interpretável, e isso se dá por meio dos elementos coesivos de que o escritor dispõe ao produzir o seu texto. “Todos esses recursos constam no texto para facilitar o trabalho interpretativo de quem o ouve ou lê. Em suma, um texto coeso é mais facilmente interpretável do que outro sem marcas de conexão.” (ANTUNES, 2017, p. 57).

Seguindo a linha de pensamento da autora supracitada, para deixar um texto coeso, a língua proporciona ao falante/escritor, diversos recursos linguísticos que podem ser explorados para se atingir esse fim. Na língua portuguesa, existem classes de palavras como conjunções, preposições, alguns advérbios, locuções adverbiais, pronomes, que contribuem eficazmente para que essa conexão entre os segmentos do texto se concretize. Além de promoverem a conexão entre os segmentos textuais, muitos desses articuladores também produzem valores semânticos que contribuem significativamente para os sentidos do texto.

Além de recursos gramaticais de que se dispõe para a coesão textual, ainda há a disponibilidade de recursos de coesão no nível lexical, como por exemplo, a repetição de palavras que estejam diretamente relacionadas à temática presente no texto, o uso de palavras-chave, de palavras sinônimas, de paráfrase, elisão, paralelismo. Todos esses são recursos coesivos que contribuem para que o texto se torne um ato de linguagem passível de uma leitura que proporcione ao leitor, uma oportunidade de compreensão daquilo que está sendo lido e, assim, o texto cumpre a sua real

função no processo de interação com seu leitor. “Há todo um aparato cognitivo-pragmático que, na verdade, comanda as escolhas do que dizer e do como dizer.” (ANTUNES, 2017, p. 68).

A coesão é um recurso que é percebido no texto pelo falante mesmo que ele não tenha um conhecimento sistemático/gramatical sobre os elementos coesivos, é uma espécie de gramática internalizada que ele possui com relação a essa estratégia textual. Qualquer falante é capaz de perceber, por exemplo, ao ler um texto, a ausência de articuladores na conexão de segmentos dentro dele, pois a quebra causada por essa ausência, prejudica claramente a sua leitura do texto e, conseqüentemente, sua compreensão por parte dele e, é nesse momento que ele se dá conta dessa falha na superfície textual, conforme aborda Antunes (2017),

Qualquer falante, mesmo intuitivamente, procura sinalizar onde estão os itens que, na superfície do texto oral ou escrito, expressam essa continuidade. E qualquer ouvinte procura recuperar os nexos estabelecidos e é capaz de perceber – e de se surpreender – quando essa inter-relação entre os elementos do texto é quebrada. (ANTUNES, 2017, p. 56)

Sobre a coesão textual como fator que contribui para a classificação de um encadeamento de sentenças como sendo um texto, apresenta-se a citação abaixo:

O que permite determinar se uma série de sentenças constitui ou não um texto, são as relações coesivas com e entre as sentenças, que criam a textura. ‘Um texto tem uma textura e é isto que o distingue de um não-texto. O texto é formado pela relação semântica de coesão’ (p. 2)’. (HALLIDAY; HASAN, 1976 *apud* FÁVERO, 2002)

De acordo com os teóricos acima, a coesão é fator que contribui para que um agrupamento de sentenças seja considerado um texto, pois a relação semântica expressa pelos elementos coesivos presentes, vai contribuir para essa determinação.

### **2.1.1. Conectivos no texto**

Os conectivos, articuladores que exercem uma função primordial no texto, são recursos utilizados pelo autor para estabelecer uma ligação entre os segmentos componentes do texto, fazendo com que haja um encadeamento e uma sequenciação das ideias presentes, facilitando, assim, a vida do leitor no que diz respeito ao processo de leitura e compreensão textual.

Esse tipo de articulador textual é representado por algumas classes de palavras como conjunções, preposições, alguns tipos de advérbios e suas respectivas locuções, cuja função principal é manter a conexão dos elementos presentes no texto, estabelecendo também um valor semântico no contexto empregado.

Existem classes de palavras cuja função principal é criar e sinalizar os nexos que vão garantindo a articulação entre os diferentes segmentos do texto; isto é, vão criando e sinalizando a necessária coesão entre esses segmentos. São termos, por isso mesmo, conhecidos como ‘marcadores’, exatamente porque ‘marcam’, porque ‘assinalam’ o ponto em que ocorreu algum tipo de conexão. As conjunções, preposições, alguns advérbios e respectivas locuções são exemplos típicos desses marcadores que vão indicando os pontos em que incidem as conexões. Não por acaso conjunções e preposições são normalmente chamadas de conectivos. (ANTUNES, 2017, p. 57)

Segundo Cunha & Cintra (2001),

*Conjunções* são os vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. *Preposições* são palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (consequente). O *advérbio* é, fundamentalmente, um modificador do verbo. Pode, ainda, reforçar o sentido de um adjetivo e de um advérbio. (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 541, 542, 555, 579)

Dos elementos gramaticais, as conjunções são responsáveis por conectar orações ou termos de mesma função sintática, sendo classificadas como significado relacional abstrato (Cf. GLÓRIA, 2016).

Vale ressaltar que a função dos conectivos, na composição do texto, não se limita apenas ao estabelecimento de conexões entre os seus segmentos, além disso, eles promovem, nesse processo conectivo, relações semânticas que contribuem significativamente para a produção do sentido global do texto, o que auxilia relevantemente o leitor em seu processo de compreensão do que está sendo ou foi lido. Sobre isso, Antunes (2017) diz:

Essa conexão, expressa no nível da sintaxe, ou seja, aparecendo na linha da superfície onde as palavras estão combinadas, também atinge o nível semântico, isto é, o nível dos sentidos do texto, pois todos aqueles ‘marcadores’, além de cumprirem o papel de conectores, expressam sentidos; têm significados, portanto. (ANTUNES, 2017, p. 57-8)

Ainda considerando o pensamento de Antunes, (2017, p. 58), tais marcadores podem expressar, entre os segmentos do texto, sentidos de *adição*, *oposição*, *alternância*, *explicação*, *causalidade*, *temporalidade*, *proporcionalidade*.

Com base na citação da autora abordada acima, há, claramente, uma relação de interdependência entre a sintaxe e a semântica no interior do texto, uma corroborando com a outra na produção de sentidos na superfície textual.

O uso de conectivos, destacando aqui as conjunções, já se dá no falante desde criança em suas produções orais, conforme estudos já realizados na área, os quais mostram que, a partir da faixa etária de três anos de idade, as crianças já começam a empregar, em suas produções linguísticas orais, conjunções de uso mais simples e recorrente nas suas interações linguísticas.

Mesmo as conjunções sendo uma classe gramatical complexa, aos três anos de idade a criança já possui recursos lexicais de abstração suficientes para utilizá-las de forma flexível. Sua aquisição tem início pelas conjunções coordenativas e, posteriormente, pelas conjunções subordinativas. Sendo assim, a partir dos três anos, a criança já produz orações complexas unidas por conjunções e forma orações coordenadas e subordinadas, nas quais as coordenadas surgem primeiro. (GLÓRIA, 2016)

Considerou-se pertinente fazer essa abordagem da aquisição e uso de conectivos como as conjunções, pelos falantes desde a infância, para deixar claro a importância que esse tipo de conectivo tem nas produções linguísticas, a sua necessidade de uso nos contextos comunicativos, independente da faixa etária do falante.

### **3. Resultados e Discussão dos Dados**

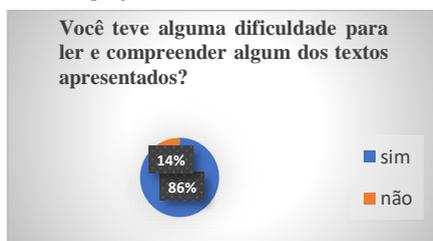
Nesta seção, serão apresentados e discutidos os dados encontrados durante a pesquisa realizada com alunos de uma turma de 8º ano de uma Escola Municipal localizada na zona rural do município de Itainópolis-PI. A discussão dos dados aqui será feita à luz do embasamento teórico advindo do estudo feito em trabalhos científicos dos autores explorados no referencial teórico.

Aplicou-se, com os sete alunos da turma supracitada, um texto escrito de extensão verbal mediana, de tipologia narrativa e dissertativa, sem o uso dos conectivos necessários (considerado Texto 1), os quais foram retirados propositadamente pelo pesquisador, que é o professor de língua portuguesa da turma em questão, para verificar como se daria o processo de leitura e compreensão do mesmo por parte dos discentes. Terminada a atividade de leitura, o mesmo texto fora aplicado com a turma, dessa vez, com o uso de todos os conectivos exigidos pelo contexto (considerado

Texto 2), para perceber como se daria, nessa segunda vez, o processo de leitura e compreensão. Logo em seguida, aplicou-se um questionário com os discentes, no qual havia cinco perguntas, sendo quatro fechadas e uma aberta, todas relacionadas aos textos lidos e analisados. Todas as perguntas feitas versavam sobre a leitura e compreensão dos textos, as quais foram respondidas pelos alunos.

A partir de agora, apresentar-se-á, na forma de gráficos, com exceção da quarta pergunta feita, cujo resultado está exposto em texto corrido, os dados encontrados, seguidos das análises cabíveis.

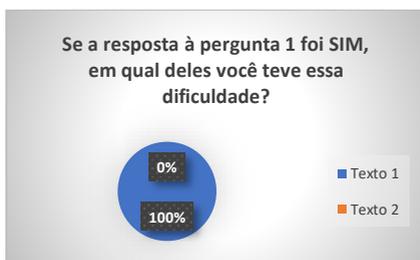
Gráfico 1: Primeira pergunta feita aos alunos da turma sobre os textos.



Fonte: *Corpus* da pesquisa.

É possível concluir, com base nos dados apresentados no gráfico 1, que praticamente todos os sete alunos da turma tiveram problemas na leitura e compreensão de pelo menos um dos textos apresentados, o que certamente está relacionado à ausência de conectivos no texto 1, pois tais marcadores eram exigidos pelo contexto e foram retirados propositalmente pelo pesquisador. Maiores esclarecimentos sobre isso serão feitos no decorrer das respostas dadas às demais perguntas feitas.

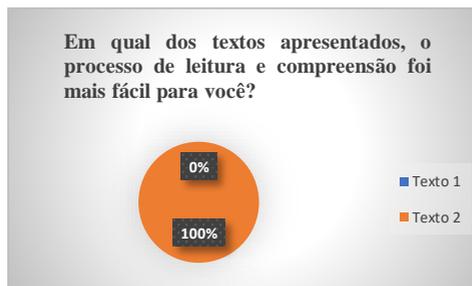
Gráfico 2: Segunda pergunta feita aos alunos sobre o texto.



Fonte: *Corpus* da pesquisa.

De acordo com o gráfico 2, conclui-se que a dificuldade encontrada pelos alunos para ler e compreender os textos está relacionada mesmo ao texto 1, devido à ausência dos conectivos que deveriam estar na superfície desse texto. Tais dados levam-nos a entender que a presença desses articuladores coesivos facilita o processo de leitura e compreensão textual, como assevera Antunes (2017, p. 56), “a coesão, como o próprio nome indica, é a propriedade responsável por deixar todos os segmentos do texto articulados, relacionados, conectados. Ela abarca, portanto, todos os recursos que deixam esses segmentos ligados entre si ou inter-relacionados” contribuindo, dessa forma, para a fluência da leitura e para a produção de sentidos. Vale ressaltar que os seis alunos que responderam SIM à pergunta 1, relataram ter tido dificuldade ao ler o texto 1, e apenas um aluno, o que respondeu não ter tido dificuldade ao ler nenhum dos textos, não respondeu à pergunta 2.

Gráfico 3: Terceira pergunta feita aos alunos sobre os textos.



Fonte: *Corpus* da pesquisa.

Conforme se pode perceber, com base no gráfico 3, todos os alunos responderam que tiveram mais facilidade para ler e compreender o texto 2, no qual havia a presença de todos os conectivos exigidos pelo contexto, o que, mais uma vez, leva-nos a defender que os articuladores coesivos exercem uma função de grande relevância no processo de leitura e compreensão textual.

Com relação à quarta pergunta feita aos alunos sobre os textos apresentados, cuja mesma foi “Caso em um deles o processo de leitura e compreensão tenha sido mais fácil para você, o que você acha que causou essa facilidade?”, na qual não foram colocadas opções de respostas de forma fechada, então, os alunos teriam que escrever sua resposta para a indagação feita. Todos os alunos relataram, em suas respostas, que a leitura e compreensão do texto 2 se tornou mais fácil para eles porque o texto estava

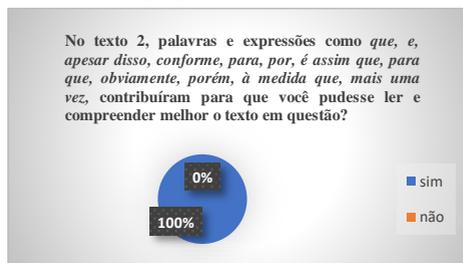
mais completo, mais explicativo. Isso mostra que essa “facilitação” mencionada por eles está relacionada ao uso de conectivos no texto, já que os únicos elementos linguísticos que havia no texto 2 que não estavam no 1, eram esses marcadores textuais.

As respostas dadas à quarta pergunta mostram que, mesmo se os alunos não tiverem um conhecimento sistemático/gramatical sobre os conectivos, mas eles percebem intuitivamente a necessidade de sua presença no texto, é como algo internalizado no falante, o que corrobora com o pensamento de Irandé Antunes (2017).

Qualquer falante, mesmo intuitivamente, procura sinalizar onde estão os itens que, na superfície do texto oral ou escrito, expressam essa continuidade. E qualquer ouvinte procura recuperar os nexos estabelecidos e é capaz de perceber – e de se surpreender – quando essa inter-relação entre os elementos do texto é quebrada. (ANTUNES, 2017, p. 56)

O pensamento de Irandé Antunes exposto acima, mais uma vez, evidencia e fortalece a tese defendida neste trabalho, de que os conectivos são elementos textuais que exercem uma função de destaque no encadeamento das ideias expostas no texto, bem como na sua construção e produção dos sentidos de que o leitor/falante necessita para cumprir seu papel como interlocutor nas interações linguísticas, sejam elas orais ou escritas, visto que a funcionalidade textual de tais articuladores se dá mesmo quando esses não estão materializados na superfície do texto.

Gráfico 4: Quinta pergunta feita aos alunos sobre os textos.



Fonte: *Corpus* da pesquisa.

Conforme apresentado no gráfico quatro, os dados revelam que, para os alunos participantes desse estudo, as palavras e expressões mencionadas na quinta pergunta, todas elas conectivos empregados no texto 2, facilitaram o processo de leitura e compreensão do referido texto, o que reforça o argumento de que os conectivos, elementos linguísticos respon-

sáveis por fazer as devidas conexões entre segmentos do texto e estabelecer entre eles uma relação semântica, são recursos de grande relevância no processo de leitura e compreensão de textos.

“Todos esses recursos constam no texto para facilitar o trabalho interpretativo de quem o ouve ou lê. Em suma, um texto coeso é mais facilmente interpretável do que outro sem marcas de conexão” (ANTUNES, 2017, p. 57). Para finalizar esta parte do trabalho, retomou-se este pensamento de Irandé Antunes sobre o papel da coesão na leitura e na compreensão do texto, já que os conectivos, tema tratado neste trabalho, são elementos que contribuem significativamente para que haja a coesão textual, mostrando, assim, a sua funcionalidade no texto.

#### **4. Considerações finais**

Após realizado o trabalho de pesquisa e feitas as análises dos dados encontrados, concluiu-se que os conectivos, com sua função de fazer os elos necessários entre segmentos do texto, garantindo que haja um enca德amento e uma sequenciación entre as ideias presentes e atuando na sua produção de sentidos, são recursos que contribuem relevantemente para facilitar o processo de leitura e compreensão textual por parte dos alunos pesquisados, o que confirmou as hipóteses levantadas pelo produtor deste trabalho com relação ao assunto.

Com isso, fica evidente para o professor de língua portuguesa da turma e produtor deste estudo, que o trabalho de leitura e compreensão de textos, com o uso de articuladores textuais, deve ser considerado e explorado nas aulas, já que são recursos que auxiliam o aluno na construção de conhecimentos e no desenvolvimento de habilidades com as atividades textuais.

#### REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé, 1937. Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas / Irandé Antunes. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2017.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira (Org.). *O texto e seus conceitos*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2016.
- BRAIT, Beth. *O texto nas reflexões de Bakhtin e do Círculo*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2016.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e Coerência textuais*. São Paulo: Ática, 2002.

GLÓRIA, Yasmin Alves Leão. O uso das conjunções por crianças com desenvolvimento típico de linguagem. *Revista CoDAS*, 28(3), p. 221-5, 2016.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London, Longman, 1976.

KOCH, Ingedore G. Villaça. O Texto: construção de sentidos. *SIGNO*, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 29, p. 7-18, nov. 1995.

Outra fonte:

Brasil Escola. “Conectores discursivos”. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/conectores-discursivos.htm>. Acesso em: 04 de julho de 2023.

ANEXOS: TEXTOS TRABALHADOS COM OS ALUNOS

Texto 1

**Jovens delinquentes**

Na noite de terça-feira passada (dia 9), em São Paulo, Victor Hugo Deppman, estudante de 19 anos, foi assassinado. As câmeras mostram ele entregou seu celular, o assaltante o matou sem razão, com um tiro na cabeça.

O criminoso se entregou à polícia declarando faltavam dois dias para ele completar 18 anos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), aos 20 anos e 11 meses, no máximo, ele voltará a circular. A gente não pode nem deixar anotado o nome do assassino mantê-lo afastado de nossas vidas futuras: ele ser menor, seu anonimato é preservado. Protegemos o futuro do criminoso, uma vez regenerado pela mágica de três anos de internação (alguém acredita?), ele possa facilmente reintegrar a sociedade ser um cidadão exemplar, nosso vizinho.

Nos últimos dias, multiplicaram-se os pedidos de revisão do próprio ECA. Marcos Augusto Gonçalves observou, na boca dos políticos, esses pedidos escondem décadas de descaso em matéria de segurança pública. Concordo. Não sou político, não vou deixar de discutir, o estatuto do menor."

Fonte: site Brasil Escola (adaptado pelo pesquisador).

Texto 2

**Jovens delinquentes**

Na noite de terça-feira passada (dia 9), em São Paulo, Victor Hugo Deppman, estudante de 19 anos, foi assassinado. As câmeras mostram que ele entregou seu celular, e o assaltante o matou sem razão, com um tiro na cabeça.

O criminoso se entregou à polícia declarando que faltavam dois dias para ele completar 18 anos. Apesar disso, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), aos 20 anos e 11 meses, no máximo, ele voltará a circular. A gente não pode nem deixar anotado o nome do assassino para mantê-lo afastado de nossas vidas futuras: por ele ser menor, seu anonimato é preservado. É assim que protegemos o futuro do criminoso, para que, uma vez regenerado pela mágica de três anos de internação (alguém acredita?), ele possa facilmente reintegrar a sociedade e ser um cidadão exemplar, nosso vizinho.

Obviamente, nos últimos dias, multiplicaram-se os pedidos de revisão do próprio ECA. Marcos Augusto Gonçalves observou que, na boca dos políticos, esses pedidos escondem décadas de descaso em matéria de segurança pública. Concorro. Porém, à medida que não sou político, não vou deixar de discutir, mais uma vez, o estatuto do menor."

Fonte: site Brasil escola.